

ELEIÇÕES

Pronto para ser vice de Lula

O ex-governador paulista Geraldo Alckmin anuncia filiação ao PSB e fica mais próximo de formar chapa com o petista

» RAPHAEL FELICE
» DEBORAH HANA CARDOSO
» VÍCTOR CORREIA

O ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (sem partido) confirmou, ontem, que vai se filiar ao PSB. Com a decisão, o ex-tucano ficará mais próximo de compor chapa com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para a disputa ao Palácio do Planalto. A aliança vem sendo negociada desde meados do ano passado. A filiação está marcada para a próxima quarta-feira, em Brasília.

O anúncio foi feito por Alckmin nas redes sociais. "O tempo da mudança chegou! Depois de conversar muito e ouvir muito, eu decidi caminhar com o Partido Socialista Brasileiro. O momento exige grandeza política, espírito público e união", escreveu. Na postagem, ele citou uma frase do ex-governador Eduardo Campos, que morreu num acidente de avião durante a campanha para as eleições de 2014: "Não vamos desistir do Brasil".

Alckmin ressaltou que a política precisa enxergar as pessoas. "Não vamos deixar ninguém para trás. Nosso trabalho para ajudar a construir um país mais justo e pronto para o enfrentamento dos desafios que estão postos está só começando", acrescentou. Além do PSB, ele recebeu convite do PV e do Solidariedade desde que se desfilou do PSDB.

O presidente do PSB, Carlos Siqueira, já havia antecipado, no início do mês, a decisão de Alckmin. Ontem, ele comemorou o anúncio oficial. "Um quadro político importante para nosso partido e o país, neste momento em que precisamos unir forças para mudar o Brasil! Bem-vindo, companheiro!", saudou.

Outros integrantes do partido também aprovaram. O deputado Júlio Delgado (MG) disse que o ingresso de Alckmin é "uma grande conquista". Já o deputado

Ricardo Stuckert/Divulgação



A previsão é de que, após a filiação, marcada para quarta-feira, o ex-governador seja anunciado como vice na chapa do petista

Rodrigo Agostinho (SP) enfatizou que o ex-governador tem "experiência no campo democrático" e levará para a legenda "diversidade de ideias".

Sobre a chapa presidencial, o parlamentar enfatizou que sempre defendeu uma candidatura

própria do partido. "Mas o cenário nacional caminha para essa direção (Lula-Alckmin). Eu considero importante que o processo eleitoral seja pautado pela diversidade de ideias. Dentro da mesma corrente ideológica, ter pessoas que pensam de forma diferente

enriquece o debate, o que acontece com a entrada do Alckmin nesse processo", ressaltou.

Preocupação

Do lado do PT, há pressão para que Lula oficialize logo a

candidatura. Entre as preocupações está a reação do presidente Jair Bolsonaro (PL) em pesquisas de intenção de voto. Na mais recente, da Genial/Quaest, divulgada na quarta-feira, o petista mantém a liderança, com 46%, contra 26% do

« Não vamos deixar ninguém para trás. Nosso trabalho para ajudar a construir um país mais justo e pronto para o enfrentamento dos desafios que estão postos está só começando »

Geraldo Alckmin,
ex-governador

atual chefe do Executivo — mas ele ganhou dois pontos percentuais no limite da margem de erro em relação ao levantamento do mês passado.

De acordo com Camila Moreno, integrante da Comissão Executiva Nacional do PT, a expectativa é que a eleição seja mesmo polarizada, devido à ausência de uma terceira via competitiva. "Isso explica um pouco, também, essa última subida de Bolsonaro nas pesquisas: Sergio Moro (Podemos) e Ciro Gomes (PDT) não crescem", disse.

Por sua vez, Jilmar Tatto, secretário nacional de comunicação do PT, informou que, na próxima semana, haverá uma reunião sobre a tática eleitoral que a sigla adotará. "Avaliamos que esta será uma campanha plebiscitária. Vamos debater pautas que preocupam o partido, só Jair Bolsonaro, devido ao ambiente polarizado", pontuou. "Vamos trabalhar dentro desse quadro eleitoral. Os eleitores de Lula e Bolsonaro são difíceis de mudar. O grande desafio para o partido é pegar os indecisos."

PSDB pede que Leite siga no partido

» TAINÁ ANDRADE

Dirigentes do PSDB fizeram nova investida para tentar manter o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, filiado à legenda. Eles divulgaram uma carta pública na qual se dizem orgulhosos da trajetória política do gestor gaúcho e pedem que ele continue na sigla.

"O futuro do Brasil está em jogo. Outubro se avizinha. O momento é de união em torno de um projeto que recoleque a nação no caminho certo. A maioria dos brasileiros, cansada de tanto extremismo, está à espera do retorno à normalidade, e, nessa direção, de alguém que possa liderar uma campanha, ao mesmo tempo, empolgante, propositiva e viável", diz o texto. "Não admitimos a possibilidade de o perdermos, neste momento crucial para a história do Brasil. O movimento cresce, reuniremos as forças necessárias. A missão será dada e, certamente, como de costume, vitoriosamente cumprida. Estaremos juntos."

A carta é assinada pelo presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo; pelos senadores Tasso Jereissati (CE) e José Serra (SP); pelo deputado Aécio Neves (MG); pelo governador do Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja; além de outros ex-presidentes da legenda, como Pimenta da Veiga, Teotônio Vilela e José Aníbal. O governador de São Paulo, João Dória, não assinou o texto, mas um dos signatários é o secretário de Desenvolvimento Regional do governo paulista, Marco Vinholi.

Eduardo Leite postou cópia da carta nas redes sociais e comentou: "Eu quero mudar o Brasil. E estou conversando

Maicon Hinrichsen / Palácio Piratini



Eduardo Leite avalia se filiar ao PSD para concorrer à Presidência da República

com muitos que têm esse mesmo sentimento e vontade. Naturalmente, o PSDB é a conversa primeira e fundamental, já que é meu partido há mais de 20 anos", escreveu.

Ele disse que a manifestação demonstra que o partido está alinhado com as preocupações dele com o país "neste momento crucial de nossa história". "E me permite continuar esse diálogo interno para ver como o PSDB pretende ser protagonista no processo nacional, junto com outras forças políticas do centro democrático", finalizou.

Derrotado por Dória nas prévias do PSDB para definir o candidato do partido à

« Não admitimos a possibilidade de o perdermos, neste momento crucial para a história do Brasil »

Trecho da carta dos tucanos

Presidência da República, Leite avalia sair da legenda e ingressar no PSD para concorrer ao Planalto. Há semanas, ele tem

conversado com o presidente da sigla, Gilberto Kassab.

Negociações

Na tentativa de segurar Leite, o PSDB tem buscado soluções. Um das estratégias sugeridas por Aécio Neves foi abrir espaço para Dória concorrer ao Senado este ano, em vez de à Presidência.

Apesar da decisão democrática das prévias, o fato de quatro meses terem se passado sem que Dória consiga decolar nas pesquisas de intenção de voto preocupa os tucanos. "Fizemos uma escolha ruim", declarou um dos parlamentares do PSDB, sob a condição de anonimato, ao definir a situação.

Jefferson Rudy/Agência Senado



Pacheco: não pode haver debate com o atual número de partidos

Semipresidencialismo é debate fora de hora

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), afirmou, ontem, que o semipresidencialismo não pode ser discutido agora no Congresso Nacional, com o atual número de partidos na Câmara e no Senado. Hoje, o Parlamento tem representantes filiados a 24 legendas partidárias.

O novo modelo político é defendido pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que criou um grupo de trabalho no Congresso para elaborar uma proposta, a ser votada na próxima legislatura, após as eleições de outubro.

"Poderemos avançar para aquilo que a Câmara tem debatido hoje. O presidente da Câmara, deputado Arthur Lira, tem suscitado muito isso, e eu acho que, em algum momento, isso pode ser discutido — não agora, com a quantidade de partidos que nós temos —, que é o

semipresidencialismo", afirmou Pacheco durante palestra no Centro de Integração Empresa-Escola do Paraná (Ciee-PR), em Curitiba.

Ele reforçou a aposta de que o número de legendas será o menor já visto no país depois das eleições de outubro, com o fim das coligações proporcionais e a cláusula de barreira, que limitam a sobrevivência de siglas nãnicas chamadas de "legendas de aluguel". "São buscas de aprimoramento político no Brasil, que eu considero interesse serem discutidas e incluídas num futuro próximo", ressaltou.

O parlamentar criticou os ataques feitos às urnas eletrônicas, após o presidente Jair Bolsonaro (PL) questionar a efetividade do sistema de votação em vigor. De acordo com Pacheco, o Senado está "ombreado" com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para garantir a lisura das eleições e combater as fake news na disputa.